



Pesquisa Teoria e Metodologia

Um ensaio sobre a profissão de psicólogo no Brasil sob o viés do gênero

An essay about the profession of psychologist in Brazil on gender perspectives

Silvia Mayumi Obana Gradvohl¹
 Geyza Oda de Souza¹
 Giselle Ladeia de Oliveira¹

¹ Universidade São Francisco

Resumo: Socialmente, a psicologia é associada à atividade de cuidado ao outro e esta atividade, por sua vez, é relacionada à figura feminina. Tais relações se confirmam no número extremamente superior de mulheres nesta profissão. Entretanto tal associação nos faz pensar sobre as especificidades da mulher e desta profissão. O objetivo deste ensaio é realizar uma reflexão acerca da profissão de psicólogo no Brasil sobre o viés de gênero. As mudanças do que é ser homem ou mulher se refletem nos papéis profissionais gerando estigmas e má compreensão sobre o que é a Psicologia.

Palavras-chave:

Abstract: Socially, the psychology is associated to activities of caring for others, this activity, in turn, is related to the female figure. These relations are confirmed by a large number of women in this profession. However, this association makes us to think about the specificities of women and also of this profession. The purpose of this essay is to reflect on the profession of psychologist in Brazil on gender perspectives. The changes between what being a man or woman is reflected in professional roles generating stigmas and misunderstandings about what is psychology.

Keywords:

1. Introdução

Socialmente, quando se pensa na profissão Psicologia, se relaciona esta função à atividade do cuidado ao outro. Por sua vez, o cuidado ao outro é quase sempre associado ao papel da figura feminina. Dentro desse contexto, podemos pensar que tais relações justifiquem a baixa presença de homens nesta atividade se comparado ao número de mulheres no Brasil¹.

No contexto brasileiro, muito embora seja possível observar mudanças como a emancipação da mulher em diversos âmbitos sociais, como seu ingresso no mercado de trabalho e o direito ao voto, nota-se que as alterações nas funções desempenhadas entre homens e mulheres ainda é lenta e que persiste a imagem da mulher ao papel de cuidado, enquanto os homens parecem destinados às atividades mais pragmáticas e racionais, voltadas ao provimento financeiro do lar².

O reflexo de tais associações podem ser observado na proporção diferenciada de homens e mulheres em determinadas profissões consideradas como femininas ou masculinas. De acordo com Bruschine e Lobardi³ a masculinização de algumas profissões no Brasil, como é o caso da engenharia, se deu devido à associação desta atividade com as escolas militares na área pública.

Nesse contexto, o início dos cursos de graduação em engenharia ocorreu devido à necessidade de desenvolver o país nas áreas tecnológicas e de comando, exigências do capitalismo³. Deste modo, nas escolas de engenharia, o principal objetivo era a preparação de homens para postos de comando como oficiais. Com isso, as mulheres não poderiam se introduzir nesta profissão, visto que eram estigmatizadas como pessoas frágeis e incapazes de realizar funções que demandassem força física ou racionalidade, como nos cargos de oficiais⁴.

Além disso, Fernandes⁵ enfatiza que a inserção das mulheres no mercado de trabalho ocorreu devido ao processo de industrialização e da abolição da escravidão, assim como o surgimento dos assalariados. Por esta razão, aquelas mulheres que foram escravizadas ou as que não ingressaram nas indústrias como operadoras de máquinas e tecelãs, por exemplo, passaram a trabalhar através de segmentos desvalorizados e de baixas remunerações, isto é, trabalhos informais, como faxineiras e arrumadeiras, exercendo tarefas semelhantes às realizadas enquanto escravas ou então em suas próprias casas.

Ainda, de acordo com Jesus e Barbosa⁴, o acesso das mulheres no âmbito profissional, também foi marcado pela origem do magistério, o qual ocorreu por volta de 1930. Nesta época, as mulheres assumiram tal profissão por questão política, dado que o Estado compreendia que somente com a educação seria possível formar indivíduos capacitados para o mercado de trabalho e, por consequência, para a obediência civil. Deste modo, pode-se compreender que o Estado abandonou a educação cristã, pois acreditava que por si só seria possível manipular os indivíduos da forma que achasse mais adequada, a fim de atender suas necessidades enquanto detentor de poder.

Dentro desse contexto, entendia-se que para a educação se concretizar de forma democrática em tempo hábil, deveria contratar-se mão-de-obra barata. Em detrimento disso, as mulheres eram vistas, socialmente, como mais competentes para a realização deste trabalho em virtude de uma suposta capacidade inata de sensibilidade e delicadeza para educar e lidar com pessoas. Ademais, estas mulheres viam este trabalho com caráter provisório, somente para complementar a renda familiar, já que era esperado que parassem de trabalhar após casarem-se^{4:6}. Deste modo, é importante questionar se este trabalho era realmente algo que agregasse de fato esta mulher como profissional ou apenas se tratava de uma mera obrigação enquanto não estariam casadas, o que justificaria também a aceitação da baixa remuneração.

Ainda, de acordo com Aperibense e Barreira⁷, houve uma feminização em outras profissões, em especial, naquelas da área da saúde que visavam o cuidado integral do indivíduo, isto é, a promoção de uma alimentação adequada e do bem-estar, assim como a atenção à vulnerabilidade social, tomando como exemplo a enfermagem, a nutrição, o serviço social e a própria Psicologia. Nesta última atividade, sabe-se que é maciça a presença de mulheres, como verificado por meio do levantamento realizado pelo Conselho Federal de Psicologia¹, no ano de 2012, em que se constatou que apenas 11% dos psicólogos com cadastro ativo eram do gênero masculino.

Ao longo do tempo, as mulheres passaram a exercer outras atividades remuneradas, além das indústrias e do magistério, movimentando mais o cenário das profissões vistas como femininas ou masculinas. No entanto, conforme apontam Hoffmann e Leone⁸, apesar do aumento significativo da participação das mulheres no mercado de trabalho em diversos âmbitos, a renda delas ainda persiste menor do que a dos homens, mesmo exercendo atividades iguais.

Sendo assim, diversas questões nos ajudaram a aprofundar algumas reflexões. Por exemplo, Rabelo⁹ cita que a diferença de papéis sociais entre homens e mulheres, está intrinsecamente ligada ao paternalismo, fato que ainda controla as atividades exercidas pelas mulheres, inferiorizando-as e subordinando-as em funções como mães, donas de casa e dependentes do homem.

Por sua vez, Fernandes⁵ argumenta que, de modo geral, a discrepância das vivências entre os sexos no âmbito profissional é profundamente influenciada pelos traços históricos resultantes do colonialismo e imperialismo e, também, da introjeção de ideias de que a mulher seja o "sexo frágil", ou seja, sempre vulnerável, sem condições de impor-se como indivíduo munido de força física e/ou intelectual. Com isto, estas associações se tornaram aceitas e estratificadas, isto é, a falta de pensamento crítico e de questionamentos da sociedade, a

respeito do papel da mulher, corroborando para a cristalização da desigualdade entre os gêneros, inclusive no mercado de trabalho.

Diante disso, especificamente na área da Psicologia, objeto de estudo deste ensaio, verifica-se que não existem estudos que revelem os motivos da grande proporção de mulheres em relação aos homens, para a escolha da Psicologia como profissão. Sendo assim, refletir sobre a desigualdade das presenças masculinas e femininas na atividade da Psicologia é importante para compreendermos tanto a realidade desta profissão quanto o estabelecimento social de papéis entre o que é ser homem e ser mulher no Brasil, inclusive no meio profissional¹⁰.

Deste modo, o objetivo deste artigo é contribuir para as reflexões acerca da profissão de psicólogo no Brasil sobre o viés de gênero. Sem a pretensão de esgotarmos as possibilidades de reflexão sobre o tema, argumentamos aspectos que consideramos importante para o aprofundamento destas discussões.

2. Um panorama sobre o início da Psicologia: o cenário brasileiro e em outros territórios

Os primórdios da Psicologia Científica remontam ao médico e filósofo Wilhelm Wundt que fundou o chamado “Laboratório de Psicologia Experimental”, na Universidade de Leipzig, na Alemanha no século XIX. A princípio o objetivo era comprovar a existência de processos psíquicos semelhantes entre humanos e animais e para tanto as experiências eram realizadas em animais buscando-se tal comprovação. Neste início, inexistia a Psicologia clínica, estando a Psicologia estritamente relacionada à medicina, por meio de métodos para investigação de dados objetivos, de maneira quantitativa¹¹.

Com o avançar desta ciência, houve a necessidade cada vez maior de se realizarem estudos mais qualitativos que pudessem lidar com as crises e dilemas da modernidade, nas quais os teóricos buscavam compreender os aspectos psíquicos por meio da subjetividade humana¹¹.

Já no Brasil, a Psicologia surgiu por meio do chamado *Pedagogium*, por volta de 1906, introduzido por Manoel Bomfim. Tratava-se de um método educativo, com práticas de higienização e institucionalização de pessoas a fim de “educá-las”. Dessa maneira, as atividades eram direcionadas e tinham o objetivo de melhorar as relações interpessoais e sociais da época¹².

Mais tarde, em meio às movimentações no percurso político, cultural e industrial do país, por volta de 1920 e 1945, foram construídas as primeiras Universidades e, por consequência, a Psicologia começou a ter seu espaço não mais para um viés educativo, mas também uma preocupação voltada à saúde. Nesse contexto, somente em 1953 na PUC-Rio, foi fundado o primeiro curso de Graduação em Psicologia¹² e apenas em 27 de agosto de 1962 ocorreu a sua regulamentação como profissão.

Como na época a preocupação estava direcionada à infância, este foi o caminho que possibilitou o processo de constituição da Psicologia no Brasil, a qual adquiriu tanto um reconhecimento de sua utilidade social, quanto sua autonomização no campo da ciência¹³.

No Brasil, nota-se que a prática profissional da Psicologia esteve inicialmente associada à área da educação. No que tange à esta associação, podemos pensar que em nosso país, a Psicologia estivesse mais ligada às atividades exercidas por mulheres desde o século XIX, como descrevem Monteiro e Gati¹⁴, o que talvez justifique a maior presença feminina no início do desenvolvimento da Psicologia brasileira.

Já no cenário internacional, especificamente nos Estados Unidos, como cita Cynkar¹⁵, durante a década de 1970, era baixo o número de mulheres na Psicologia. Os índices apontam um percentual de 20% de presença feminina nesta profissão. Isto demonstra, portanto, um cenário inverso ao do Brasil, em que inicialmente era maior o número de mulheres na Psicologia – o que se persiste, como demonstram os últimos dados levantados pelo CFP¹. Uma das hipóteses para tal situação é que nos Estados Unidos a profissão de Psicologia estivesse mais relacionada à pesquisa, a uma parte mais racional e quantitativa, características de atuação mais voltadas para o gênero masculino¹⁶.

Por sua vez, a União Europeia experimentou um rápido crescimento no número de mulheres que iniciaram e completaram o ensino superior, e, principalmente, a adentrar no

mercado de trabalho. Entretanto, apesar da presença feminina ter sido ampliada, ainda é presente a segregação horizontal, isto é, a sobreposição das mesmas em determinados setores e categorias profissionais, em especial nas ciências da saúde e na educação, como: enfermagem, filologia, serviço social e psicologia¹⁷.

Seguindo o mesmo padrão, atualmente na Espanha o número de mulheres que iniciam e finalizam a graduação em Psicologia superam ao de homens, entretanto isto não ocorre na ocupação de cargos científicos e acadêmicos. Deste modo, na Espanha, são os pesquisadores do sexo masculino que publicam mais artigos científicos visto que estes já possuem uma carreira consolidada. Em contraponto, são as mulheres que geralmente publicam pesquisas de forma colaborativa, especialmente em grupos mistos, com isto, gera-se mais uma desigualdade no que diz respeito à participação feminina em diversas áreas¹⁷.

Nesse ponto de vista, isto ocorre, pois persiste uma dicotomia entre as áreas apontadas como mais difíceis da psicologia, sendo: a psicologia cognitivo-comportamental, psicofisiologia e estatística, as quais são exercidas por pesquisadores homens, frente as áreas consideradas mais delicadas, nas quais predominam as mulheres. Nessa segunda situação, há uma ideia de que as mesmas são orientadas ao cuidado das pessoas e de suas emoções, como é o caso das áreas da personalidade, tratamento, psicologia do desenvolvimento, ou seja, atributos associados ao rol tradicional feminino¹⁷.

Ainda, de acordo com Lino e Mayorga¹⁸, a quantidade de mulheres que se dedicam a carreira científica, no mundo todo, até então continua inferior se equiparada a quantidade de homens, mesmo com um crescimento relevante desta participação nas últimas décadas, em diferentes âmbitos da ciência. Entretanto, existe pouca valorização no que diz respeito às contribuições femininas nesses diversos campos da ciência, bem como na escola, dentre outros espaços sociais.

Portanto, desde o surgimento da Psicologia até os dias atuais, é possível perceber que a carreira profissional e científica nesta área de atuação teve um desenvolvimento diferente em ambos exemplos, conforme já foi exposto. Contudo, ainda existem algumas semelhanças no que diz respeito ao que se supõe o que é designado aos papéis de homem ou mulher.

3. A Visão Social Do Que É A Profissão De Psicologia No Brasil

Socialmente, torna-se importante investigarmos o papel que a Psicologia representa para a população em geral. Buscando entender tal representação, estudos identificaram que é atribuído à Psicologia, bem como aos profissionais desta área, a prática clínica desta profissão, isto é, em ajudar, compreender e orientar as pessoas frente às angústias¹⁹, bem como na resolução de conflitos, que ocorrem em diversas camadas da vida do ser humano: escolar, familiar, social²⁰.

Além disso, mesmo que em pequenas proporções, existem estudos que demonstram que a sociedade enxerga a Psicologia como método de "auxiliar mulheres a cuidar direito de seus filhos"²¹, o que faz refletir que, muito embora, as mulheres busquem a Psicologia de fato como ofício e a aspirem como profissão, a sociedade enxerga que tal profissão, para a mulher, nada mais é que um mero instrumento para aperfeiçoar seus cuidados com a casa e a educação dos filhos, o que se faz perpetuar uma falsa compreensão de que a tarefa principal das mulheres seja de cuidadoras do lar e não de profissional, contribuindo, desta forma, para a desvalorização do trabalho feminino e, também, da Psicologia.

Já buscando entender a mesma compreensão por parte de acadêmicos de uma graduação de Psicologia, foi realizado um estudo²² na Universidade Federal de Pernambuco, com dezoito universitários do curso de Psicologia, sendo oito do sexo feminino e dez do sexo masculino. A pesquisa identificou crenças preconceituosas a respeito de homens que optavam pela Psicologia como profissão. Entre as crenças levantadas destaca-se a de que os homens que optam por ser psicólogos seriam homossexuais.

A constatação identificada pelo estudo demonstra que este preconceito está enraizado, inclusive, na percepção dos próprios acadêmicos de Psicologia inclusive entre os estudantes do sexo masculino do próprio curso de Psicologia. De acordo com o estudo, isto ocorreu porque os participantes afirmaram que para a atividade de Psicologia é essencial uma

"sensibilidade/atenção feminina". Isto demonstra tanto os estereótipos da profissão, quanto a estigmatização que os homens podem sofrer ao optarem por esta profissão²².

Deste modo, muito provavelmente, os estereótipos de gênero contribuem para que a profissão de psicólogo para os homens também seja desvalorizada, visto que por uma ótica social, para exercer a Psicologia como profissão, seria necessário ter uma "parcela feminina"²², ou seja, uma vocação exclusivamente feminina, voltada para a sensibilidade, que possivelmente descartaria a racionalidade e, por consequência, a masculinidade do homem. Deste modo, é possível então perceber, o quão está consolidada e é segregada a ideia de que homens são seres naturalmente racionais enquanto as mulheres são mais sentimentais.

Ainda, de acordo com pesquisa do Conselho Federal de Psicologia¹, identificou-se que as psicólogas, vinculam a imagem que os homens que escolhem a área de atuação da Psicologia, são "pessoas mais sensíveis do que o normal para homens". Isto evidencia, portanto, o quanto a profissão de Psicologia está associada às características socialmente definidas como femininas.

4. As Mulheres Psicólogas no Brasil

De modo geral, as hipóteses sobre a preferência pela atividade de Psicologia essencialmente por mulheres brasileiras, entre as décadas de 1968 e 1980 recaem sobre o aumento da escolaridade delas. Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho estas optavam inicialmente por atividades ligadas à condição passiva, isto é, com pouca necessidade de esforço físico²³.

Neste sentido, a Psicologia seria uma profissão socialmente mais aceita para as mulheres, pois, ainda lhes garantiria a possibilidade de continuarem exercendo papéis socialmente atribuídos para elas como provedoras de cuidados fraternais, tanto no ambiente de trabalho, ao "cuidar de pessoas", como pela possibilidade de ter tempo hábil para cuidar de suas famílias²⁴ e exercer sua atividade principal que era a de ser esposa em um casamento²³.

Atualmente, verificamos que o cenário da mulher psicóloga não difere muito ao encontrado há quase 30 anos atrás. Segundo o CFP¹, a maior parte das mulheres psicólogas no Brasil exercem a atividade profissional em períodos parciais, trabalhando entre 6 e 20 horas semanais. De acordo com a pesquisa, a dedicação parcial permitiria que as profissionais continuassem exercendo as tarefas do lar. Isto porque as mulheres entrevistadas dedicavam cerca de 4 horas diárias no cuidado com dependentes, geralmente filhos e/ou netos, já que não podiam contar com a ajuda do parceiro na atividade doméstica. Ainda de acordo com o CFP¹, quase um terço das profissionais ativas na Psicologia optam pela atividade clínica, uma vez que esta atividade lhes proporcionaria mais tempo para dedicação ao parceiro e filhos.

Dentro desse contexto, o próprio Conselho Federal de Psicologia¹ afirma que, ser psicóloga no Brasil é difícil e diferente a ser psicólogo no mesmo país. Para o Conselho, isto ocorre devido às diferenças sociais estabelecidas entre ser homem e mulher no Brasil o que reflete inclusive nas oportunidades de emprego e em sua remuneração²³.

De acordo com o CFP¹ dentro das diferenças entre homens e mulheres atuando como psicólogos, encontra-se o fato de que os homens se dedicam a mais de uma atividade fixa, trabalhando mais do que 40 horas semanais o que lhes possibilitaria obter maior remuneração do que as mulheres. Além disso, de acordo com o mesmo Conselho, as mulheres são as que mais se dedicam a exercerem a atividade profissional de forma voluntária.

Deste modo, outra pesquisa²² identificou que enquanto os psicólogos possuíam rendimento entre treze ou mais salários mínimos, as psicólogas recebiam entre seis e dez salários mínimos. Ainda, o estudo também revelou que 4% das mulheres afirmaram que, apesar de exercerem a atividade profissional, não possuíam renda mensal, pois atuavam de maneira voluntária.

Outro dado preocupante levantado pelo Conselho Federal de Psicologia¹, é que somente 14% das mulheres psicólogas afirmaram ter remunerações suficientes para sustentarem a si próprias e mais um ou dois dependentes e, ainda, quase um quarto das mulheres entrevistadas declararam que a renda obtida como psicóloga não era suficiente para seu próprio sustento.

Ainda, é preciso considerar que as mulheres também se diferenciam profissionalmente de acordo com a região onde habitam no Brasil. Por exemplo, percebe-se que nas regiões sul e

sudeste de nosso país há um maior número de psicólogas envolvidas em atividades de pesquisa do que em outras regiões como no norte¹⁵. A explicação para esta diferença seria que as mulheres das regiões sul-sudeste teriam maior acesso à informação e as áreas acadêmicas, possuindo melhores condições e apoio social para o ingresso na carreira acadêmica²³.

Entretanto, de modo geral, ainda é baixa a procura por cursos nos níveis de pós-graduação pelas psicólogas, este movimento, diminui mais ainda a entrada de psicólogas em áreas acadêmicas de pesquisa, o que coopera para que estas permaneçam nas áreas da clínica, "lidando com sentimentos", entrando em conformidade com as associações sociais a respeito da profissão de ser psicólogo, como visto anteriormente. De acordo com o CFP¹ apenas 4% das mulheres psicólogas cursaram ou estavam cursando mestrado e doutorado.

Ademais, O CFP²⁵, ressalta que apesar de as mulheres possuírem o desejo de continuarem seus estudos por meio do mestrado e doutorado na área da Psicologia, as mesmas optam por não o fazer, para que possam se dedicar ao lar e à maternidade.

5. Considerações Finais

A Psicologia no Brasil, como observado nos estudos discutidos neste artigo, está socialmente relacionada à figura feminina. Entretanto, além do papel social do que é específico ao homem e à mulher, devemos nos questionar, ainda, a respeito do significado de ser psicólogo em nosso país. Segundo demonstra CFP²⁶, para grande parte do público participante de pesquisa, a Psicologia é designada às mulheres, já que são elas quem possuem maior sensibilidade e noção de cuidado, portanto estão mais aptas a "cuidar dos sentimentos". Portanto, seriam somente estes os atributos necessários para um profissional atuar nesta área?

Outro questionamento que se faz importante é porque é tão maior o número de mulheres, se comparado aos homens, que se dedicam às atividades não-remuneradas? Também, percebemos que não apenas a sociedade determina à mulher como a mais indicada para a atuação na Psicologia, pelo menos no que tange aos cuidados de terceiros, mas os próprios acadêmicos pensam da mesma forma. A justificativa se resume à maior sensibilidade²⁷, o que contribui para que as construções de estereótipos de gêneros permaneçam inerentes ao tempo.

Ainda é necessário pensar a respeito da questão das discrepâncias de remuneração, sendo que muitas mulheres entrevistadas pelo Conselho²⁵, relatam que os homens possuem melhores remunerações pois são "mais técnicos" e/ou "mais racionais". Deste modo, pode-se pensar que as mulheres não são pessoas ambiciosas, que não almejam pelo sucesso profissional? Todas as mulheres são menos técnicas, e por esta razão, possuem menores remunerações? Estas associações, até mesmo entre os profissionais, demonstram como é visto o psicólogo, bem como o seu papel profissional. Tal imagem parece defasada, visto que a Psicologia é uma ciência e, além de senso de empatia, demanda ainda muito estudo e competência por parte destes profissionais.

Neste sentido, acreditamos que também seja importante a discussão sobre o equilíbrio entre os gêneros dos profissionais atuantes na Psicologia, dado que isto proporcionaria à categoria muito mais diversidade. Ressaltamos, inclusive, que nos estudos realizados pelo próprio Conselho da profissão há poucas pesquisas voltados para o gênero masculino, sendo predominante os que se referem ao gênero feminino.

Apesar dos avanços no cenário e estrutura social que vem se construindo ao longo dos séculos, ainda persiste a percepção do significado da identidade feminina – sendo estas, consideradas pessoas mais carinhosas, cuidadosas e dóceis, e, portanto, sendo designadas desde o nascimento aos trabalhos voltados para o cuidado, remetendo sempre à maternagem e as condições semelhantes às do cuidado com o lar²⁸. Deste modo, espera-se que tal associação varie historicamente e, também, de acordo com as transformações ocorridas nos papéis desenvolvidos pelo gênero na sociedade brasileira.

6. Referências Bibliográficas

1. CFP - Conselho Federal de Psicologia. Uma profissão de muitas e diferentes mulheres - Resultado Preliminar; 2012. <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Uma-profissao-de-muitas-e-diferentes-mulheres-resultado-preliminar-da-pesquisa-2012.pdf>
2. Jablonski B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão* 2010; 30 (2): 262-75.
3. Bruschini, C.; Lombardi, M. R. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreira, profissionais de prestígio. *Revista Estudos Feministas* 1999; 7(1).
4. Jesus, C. S. B. & Barbosa, R. J. S. Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo de trabalho. *Revista Ártemis* 2016; 21: 131-146.
5. Fernandes, M. A. A inserção da mulher no mercado de trabalho: um estudo sob a perspectiva da psicologia. *Gestão & Conhecimento* 2013; 1:1-20.
6. Bruschini, M. C. A. Mulher e Trabalho: Engenheiras, Enfermeiras e Professoras. *Cadernos de Pesquisa* 1978; 27: 5-17.
7. Aperibense, P. G. G. S.; Barreira, I. A. Nexos entre enfermagem, nutrição e serviço social, profissões femininas pioneiras na área da saúde. *Revista Escola de Enfermagem USP* 2008; 42(3): 474-482.
8. Hoffmann R. & Leone E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. *Nova Economia* 2004; 14(2): 35-58.
9. Rabelo, A. O. Mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. R. Mestr. Hist. 2007; 9: 43-60.
10. Santana A. M. Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder. Itabaiana: GEPIADDE 2010; 4(8): 71-87.
11. Soares A. R. A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2010; 30 (num. esp.): 08-41.
12. Vilela A. M. J. História da psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2012; 32(num. esp.): 28-43.
13. Carneiro, F. D.; Vilela, A. M. J. O cuidado com a infância e sua importância para a constituição da Psicologia no Brasil. *Interamerican Journal of Psychology* 2012; 46(1): 159-169.
14. Monteiro I. A. & Gati H. H. A mulher na história da educação brasileira: entraves e avanços de uma época. In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"; Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa; 2013. p. 3069-94.
15. Cynkar A. The changing gender composition of psychology. *Monitor Staff: American Psychological Association* 2007; 38(6): 46.
16. Willyard C. Men: A growing minority?. *GradPSYCH Magazine* 2011; 9(1): 40.
17. Velasco, J., Vilariño, M., Amado, B. G., & Farinã, F. Análisis bibliométrico de la investigación española en psicología desde una perspectiva de género. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud* 2014; 5(2): 105-118.
18. Lino, T. R., & Mayorga, C. As mulheres como sujeitos da ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. *Saúde & Transformação Social* 2016; 7(3): 96-107.
19. Praça K. B. D. & Novaes H. G. V. The social representation of the psychologist's work. *Psicologia: ciência e profissão* 2004; 24(2): 32-47. Recuperado em 05 de julho de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200005&lng=pt&tlng=en.
20. Lahm C. R. & Boeckel M. G. Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. *Contextos Clínicos* 2008; 1(2): 79-92. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n2/v1n2a04.pdf>. Último acesso em 05 de julho de 2016.
21. Leme M. A. V. S.; Bussab V. S. R. & Otta E. A representação social da psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão* 1989; 9(1): 29-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v9n1/09.pdf>. Último acesso em 05 de julho de 2016.
22. Figuerêdo R. B. (Dissertação). Gênero: sentidos construídos por estudantes de psicologia acerca da profissão de psicólogo. Centro de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE, Recife. 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/10324/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Raza%20Barros%20de%20Figueiredo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22.03.2016.
23. Castro A. E. F. & Yamamoto O. H. A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. *Estudos de Psicologia* 1998; 3(1): 147-158.

24. Bastos, A. V. B. & Gomide, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia, Ciência e Profissão* 1989; 9(1): 06-15.
25. Lhullier L. A. (org.) *Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília; 2013. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Publica%C3%A7%C3%A3o_Mulher_FINAL_WEB.pdf. Acesso em: 21.07.2016.
26. Yamamoto, O. H., Siqueira, G. S. & Oliveira, S. C. C. A psicologia no Rio Grande do Norte: caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. *Estudos de Psicologia* 1997; 2(1): 42-67.
27. Magalhães M. O.; Straliootto M.; Keller M. & Gomes W. B. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão* 2001; 21(20): 10-27.
28. Chies P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Estudos Feministas* 2010; 18(2): 507-528.

Artigo Recebido: 09.11.2016

Aprovado para publicação: 05.02.2017

Silvia Mayumi Obana Gradvohl

Universidade São Francisco

Departamento de Psicologia

Rua: Waldemar César da Silveira, 105 - Jardim Cura D'Ars (SWIFT) Cep. 13045-510 - Campinas - São Paulo – Brasil Telefone: (19) 3779-3300 Email: silviagradvohl@gmail.com
